



Desafios e resultados positivos nos vários tratamentos de peles étnicas

De acordo com o grupo étnico, a pele pode reagir de forma diferente a fatores externos como os raios ultravioleta e os tratamentos com produtos e equipamentos a laser. Por isso, é preciso que o médico seja criterioso desde o diagnóstico até a aplicação do tratamento. Com a abordagem terapêutica correta, há solução para os problemas peculiares de cada pele, da negra à branca.

As interpretações são várias, mas há um consenso que define etnia como um conjunto de pessoas de cultura, idioma, religião, aspectos genéticos e história de vida similares. Esses fatores exercem diversas influências sobre a saúde dos seres humanos e, especificamente, na qualidade e intensidade da reação da pele às influências do meio ambiente. Todas essas variáveis, além das peculiaridades individuais (reações hormonais, estresse emocional, estilo de vida), devem ser consideradas no tratamento de peles étnicas.

A expressão da melanina (pigmentação) é o primeiro fator de diferenciação étnica e atua na pele protegendo-a dos raios ultravioleta, dos ambientes áridos e defendendo-a de infecções. A intensidade da pigmentação (do claro ao escuro) está associada aos 'melanossomos' (bolsinhas de melanina) que existem dentro das células e que são responsáveis pela produção desta substância que nos protege do sol e que dá o bronzeamento.

Por apresentar maior aporte de melanina, a pele negra está naturalmente mais bem protegida dos raios UV, embora o número de melanócitos (as células que produzem a melanina) seja o mesmo quando comparado às demais etnias. Já nas peles brancas, o teor de melanina é mais baixo; e nas asiáticas, intermediário. Na pele escura a melanina é considerada um filtro natural para luzes ou radiações. A proteção contra raios UVB de



queimaduras é de 13.4 nas peles negras e de 3.4 nas brancas. Isso quer dizer que os raios UVA e UVB atingem 5 vezes mais a derme superficial do branco em relação ao negro.

Mas nem tudo são vantagens para as peles mais escuras. Durante meu aprofundamento nos estudos e tratamentos de peles étnicas em um dos mais importantes centros especializados no assunto nos EUA, observei que 85% dos negros procuram serviços de dermatologia devido a manchas pós-inflamação (acne, por exemplo) e 80% devido a melasma. As queixas da população branca referem-se a fotodanos (90%) e rugas (70%). Pode-se dizer que a maior razão que leva a população negra a procurar

um dermatologista refere-se a manchas e os brancos, a danos solares e perda de colágeno.

Os avanços nas tecnologias de tratamento dos problemas étnico-estéticos permitem-nos dizer que há soluções com resultados positivos para todos os problemas de pele: perda de colágeno, manchas, vasos, estrias, entre outros. Existem lasers para tudo isso! Em se tratando da pele negra, por exemplo, a epilação a laser era um tabu. Hoje, temos resultados excelentes – sem manchas pós-aplicação, sem sequelas desagradáveis. O estímulo à produção de colágeno para tratamento de rugas e flacidez facial nas peles asiáticas, hispânicas ou negras também é uma vitória terapêutica a ser celebrada nos consultórios da dermatologia cosmética.

Como em outras atividades profissionais, os bons resultados da dermatologia estética no

tratamento de peles étnicas, especialmente das negras, dependem de conhecimento profundo do assunto, técnica apurada e muita, muita prática. A tecnologia a laser avançou em escala geométrica nos últimos anos, mas para ter bons resultados é preciso estudar a adequação do aparelho de laser, saber o ajuste dos seus parâmetros e adequar a aplicação ao caso perfeitamente diagnosticado. Essas são as novas credenciais para o bom médico dermatologista.

* **Luciana Maluf** (CRM-SP 113.699), médica dermatologista do Hospital Sírio-Libanês, na capital paulista, é membro da Sociedade Brasileira de Dermatologia e da Sociedade Americana de Dermatologia.

